

OS ESPAÇOS EDUCADORES NA ABORDAGEM DE REGGIO EMILIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA UMA ESCOLA DA REDE PRIVADA DA REGIÃO DE CRICIÚMA/SC

**TITLER: THE EDUCATIONAL SPACES IN THE REGGIO EMILIA APPROACH
AND THEIR CONTRIBUTIONS TO A SCHOOL OF THE CRICIÚMA/SC
REGION'S PRIVATE NETWORK.**

Ana Karolyne Rodrigues Matias¹

Gislene Camargo²

RESUMO: Este artigo aborda a relevância dos espaços na Educação Infantil, tendo como referência a abordagem de Reggio Emilia. Tem como objetivo geral verificar quais as contribuições dos espaços para o processo de ensino e aprendizagem e como objetivos específicos: elucidar o ensino em Reggio Emilia; compreender de que forma o ensino de Reggio entende o desenvolvimento da criança; identificar as metodologias oferecidas por Reggio Emilia e analisar a importância dos espaços educadores na Educação Infantil. Essa pesquisa tem caráter qualitativo e foi desenvolvida por meio de análise bibliográfica e de observações sistemáticas em uma escola de Educação Infantil da rede particular de Criciúma/SC, que se pauta na proposta pedagógica de Reggio Emilia. O artigo foi organizado primeiramente discorrendo sobre a história da constituição das escolas em Reggio Emilia na Itália. Posteriormente foi necessário situar o leitor sobre a concepção de criança e de ensino e aprendizagem nessa proposta, além de evidenciar os espaços enquanto produtores de conhecimento. Os principais autores que embasam teoricamente a pesquisa são: DAHERS (2014), EDWARD(2016), FORMAN(2016), GANDINI(2016), HORN(2017), KATZ(2016), MALAGUZZI(2016) MOSS(2014) e SCHWALL(2012). Concluindo, por meio das análises bibliográficas e das observações nos espaços, foi possível entender a importância dos espaços educadores para a construção da autonomia e ampliação dos conhecimentos das crianças. Pode-se identificar os pontos significantes dos espaços no processo de ensino e aprendizagem numa concepção de criança participativa, dinâmica e autora de seus conhecimentos.

PALAVRAS CHAVE: Reggio Emilia. Espaços educadores. Linguagens. Crianças.

¹Graduada em Pedagogia (anakarolynematias@hotmail.com)

² Graduada em Pedagogia/Coordenadora do Curso de Pedagogia da UNESC/Coordenadora do Pibid Subprojeto Pedagogia/Coordenadora da Brinquedoteca Pedagogia/Integrante dos Projetos de Extensão: Escola de Pais e Filhos e Entre contar e brincar/Líder do Grupo de Pesquisa Políticas, Saberes e Práticas de Formação de Professores. (gislene@unesc.net)

ABSTRACT: This article approach the importance of the spaces in the Education Infant having as reference the approach of Reggio Emilia. It has as general objective, check what the contributions of the spaces for the process of the teaching and learning and as specific objectives: elucidate the teaching in Reggio Emilia understand of that form the teaching of Reggio understands the development of the child, identify the methodologies offered by Reggio Emilia and analyze the importance of the educators spaces in the Education Infant. That research has qualitative character and it was developed by bibliographic analyses and of systematic observations in a private school of Education Infant of Criciúma/SC, that if link in the proposal pedagogical of Reggio Emilia. The article was organized discoursing about the history of the constitution of the schools in Reggio Emilia, in Italy. Later it was necessary place the reader about the conception of the child and of the teaching and learning in that proposal, beyond to present the spaces while producers of knowledge. The main authors that guide theoretically the research are: DAHBERS(2014), EDWARD(2016), FORMAN(2016), GANDINI(2016), HORN(2017), KATZ(2016), MALAGUZZI(2016) MOSS(2014) and SCHAWALL(2012). Concluding, by bibliographic analyses and of the observations in the spaces, it was possible understand the importance of the educators spaces for the construction of the autonomy and magnification of the knowledge of the children. If can identify the points significant of the spaces in the process of teaching and learning, in a conception of participatory child, dynamics and author of their knowledge

KEYWORDS: Reggio Emilia. Education. Spaces. Languages. Children.

1 INTRODUÇÃO

A escolha desse tema surgiu a partir do momento em que comecei a trabalhar como auxiliar de sala em uma escola da rede particular de Criciúma/SC que utiliza a abordagem de Reggio Emilia, e percebi que a mesma era diferente de todas as outras que eu já havia estudado.

A vontade de aprender mais sobre essa temática provocou o desejo de ir em busca de novos conhecimentos a respeito do ensino de Reggio e abordar o seguinte problema: Quais as contribuições dos espaços na metodologia de Reggio Emilia para a Educação Infantil? Para então, a partir dos objetivos estabelecidos, explicar o ensino de Reggio, compreender de que forma este ensino entende o desenvolvimento da criança, identificar as metodologias oferecidas por Reggio Emilia e analisar a importância dos espaços na Educação Infantil.

Essa pesquisa tem como questões norteadoras: O que é o ensino de Reggio Emilia? Como Reggio Emilia entende o desenvolvimento da criança? Quais as metodologias

propostas por Reggio Emilia? E por fim, qual a importância dos espaços na Educação Infantil?

Para Malaguzzi (2014), idealizador de Reggio, a criança é colocada como protagonista do seu conhecimento, ou seja, é a própria criança que ao se sentir instigada a respeito de algum assunto irá em busca de conhecimentos novos. Nesse caso, o/a professor/a propõe projetos de investigação utilizando variados tipos de materiais e espaços, propiciando assim diversas experiências.

Escolas pensadas na abordagem de Reggio Emilia segundo Malaguzzi (2014) são as que não tem qualquer tipo de hierarquia e sim onde todos participam. As famílias e comunidade são estimuladas a sempre colaborar no dia a dia da escola e são essenciais para o desenvolvimento da mesma. Nessa abordagem, o espaço também é educador.

Essa pesquisa tem cunho bibliográfico sendo referenciada em livros, mantendo uma análise comparativa com coleta de dados, a partir de pontos de observações e registro. A linha de pesquisa é Teoria e Prática Pedagógica que se encaixa no eixo do Processo de Ensino-Aprendizagem.

Ao pesquisar sobre o tema no curso de Pedagogia da Unesc verificou-se que não há nenhum estudo acerca do mesmo, ou seja, o artigo com o tema referenciado. Os espaços educadores na abordagem de Reggio Emilia e suas contribuições para uma escola da rede privada da região de Criciúma/SC será de grande relevância para a Educação e mais tarde servirá de base para outros estudos e aprofundamentos a respeito do tema.

O artigo a seguir conta com os seguintes títulos e subtítulos: **Reggio Emilia: Começo de uma história de ensino na Educação Infantil** que descreve a história de Reggio, uma cidade que viveu um momento histórico após a segunda guerra, moradores venderam alguns equipamentos que restaram da guerra e com o dinheiro resolveram reconstruir o local onde viviam, assim, pensaram em construir uma escola, porém, não imaginavam o rumo e a dimensão que a abordagem criada tomaria. O subtítulo: **O olhar sobre a criança**, aborda o olhar que se tem em relação a criança e posiciona o/a leitor/a sobre a concepção de criança para Reggio Emilia. Em a **Concepção de aprendizagem em Reggio Emilia** evidencia-se as metodologias utilizadas, sua concepção de ensino e aprendizagem, e por fim: **Espaços que**

ensinam, que discorre sobre a importância dos diferentes e variados espaços para o processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil, tratando o espaço como educador.

2 REGGIO EMILIA: COMEÇO DE UMA HISTÓRIA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Reggio Emilia é uma pequena cidade localizada no norte da Itália e é reconhecida mundialmente pelo trabalho que é realizado em prol da educação. Após a segunda guerra mundial, com a cidade destruída, alguns moradores se depararam com a necessidade de reconstruir o local onde viviam e então decidiram começar com a construção de uma escola em Reggio Emilia. A verba para a construção da nova escola viria com as vendas de alguns tanques de guerras, cavalos e caminhões que foram deixados pelos alemães (RINALDI, 2014).

Ao saber da criação dessa nova escola, um homem chamado Loris Malaguzzi foi até o local onde aconteceria a construção e apresentou-se como professor, sendo convidado a participar desse sonho e logo se juntou aos outros para que o mesmo se realizasse. Malaguzzi inspirou a pedagogia da 1ª Escola Municipal em Reggio e a dirigiu pelos trinta anos seguintes. Hoje, Reggio é um conjunto com 33 escolas que vão dos primeiros meses de vida até os seis anos e são mantidas pelo município (RINALDI, 2014).

Para que Reggio se tornasse o que é hoje, os educadores entraram em diálogo com outras abordagens e assim estudaram, refletiram e criaram os próprios significados. Se inspiraram em autores como Piaget, Lev Vygotsky, John Dewey e Maria Montessori. É importante destacar que citam Maria Montessori como se fosse a mãe de Reggio, mas que assim como filhos se tornam independentes, a escola também seguiu seu próprio curso (DAHLBERG; MOSS, 2014).

Para Rinaldi (2014) a curiosidade, a abertura e a capacidade de ultrapassar limites deixaram Reggio, em diversas ocasiões, à frente do seu tempo. Reggio serve de inspiração e base para os profissionais da área da educação que acreditam que toda criança é única e tem

algo para nos oferecer, basta criar espaços de escuta e compreender que a criança pensa e argumenta de acordo com suas elaborações.

A abordagem de Reggio Emilia é diferente das outras, especialmente no que diz respeito aos saberes das crianças. Ela é baseada na pedagogia da escuta, onde a criança é sujeito do seu próprio conhecimento, portanto é considerada protagonista no processo de ensino e aprendizagem. Por mais que a abordagem também gire em torno das inter-relações, a individualidade e o interesse de cada criança são sempre levados em consideração e respeitados.

Em entrevista com Loris Malaguzzi (apud GANDINI,2016) em **“As cem linguagens da criança, a experiência de Reggio Emilia em transformação”**, no sistema educacional de Reggio, a criança é vista como o centro, porém, apenas ela ser o núcleo não é o suficiente. Os professores e as famílias devem fazer parte da Educação Infantil junto com a criança, formando um elo. Esses três elementos são eixos centrais de interesse da abordagem que valoriza muito a questão das inter-relações. Desse modo, pode-se afirmar que há protagonistas nesse sistema de ensino, que nas inter-relações o processo de ensino e aprendizagem transita sem estabelecer hierarquias, há saberes diferentes e que se complementam.

2.1 O olhar sobre a criança

Em Reggio Emilia a infância é vista e compreendida de forma diferente da abordagem tradicional, onde a criança não tinha voz. A infância nessa abordagem é um espaço de tempo, onde existem diferentes infâncias e que devem ser valorizadas no espaço histórico e social. Cada criança carrega com ela uma história única e especial.

Um ponto importante a respeito do olhar sobre a criança é a questão das cem linguagens relatada no poema “Ao contrário as cem existem”, ou seja, não há uma linguagem, mas cem linguagens diferentes. A seguir um trecho do poema, Segundo Malaguzzi (2016):

A criança é feita de cem / A criança tem cem mãos/ cem pensamentos/ cem modos de pensar/ de jogar e de falar/ Cem sempre cem/ modos de escutar/as maravilhas de amar/Cem alegrias/ para cantar e compreender/ Cem mundos/ para descobrir/ Cem mundos/ para inventar/ Cem mundos/ para sonhar/ A criança tem/ cem linguagens/

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

(e depois cem cem cem) / mas roubaram-lhe noventa e nove/ A escola e a cultura/ lhe separam a cabeça do corpo [...].

O número cem nos faz refletir, pois por muitas vezes a escola trabalha apenas a linguagem corporal, oral e escrita e esquece das outras linguagens que são importantes e essenciais para o desenvolvimento das crianças, sendo que, por meio de experiências novas e prazerosas as linguagens vão sendo descobertas e desenvolvidas. Por meio das linguagens as crianças expressam o que sentem, exploram o mundo que as cerca e se desenvolvem de forma integral (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2016).

Quando se trata de pensar em como Reggio vê a imagem da criança, ela é preciosa ou seja, toda a criança é inteligente e todas dão significado ao mundo em um processo de conhecimento, valores e identidade. Em Reggio a criança é vista como protagonista ativa de sua aprendizagem e que se deve elevar a curiosidade espontânea de cada um, onde a prioridade absoluta é e deve ser sempre a infância. Uma linguagem a qual a escola tradicional conserva é a de dar respostas prontas para a criança, como se esta não pudesse elaborar perguntas e ensaiar suas próprias respostas. Para isso a escola precisa ouvir e criar espaços de escuta.

No que se refere ao papel da escuta, ela representa um acolhimento e cuidado com o outro. Quando se abre para escutar o outro é uma questão de respeito e de deixá-lo entrar na sua vida e cuidar do que ele sente de uma forma séria e respeitosa. É necessário que ao escutar uma criança o educador faça apenas isso, sem realizar outras atividades ao mesmo tempo, pois também por meio da fala das crianças conseguimos compreender um pouco mais do que ela está sentindo. A criança tem muito o que falar e por meio dessas falas os/as educadores/as podem compreender seus entendimentos, suas dúvidas e suas ideias a respeito do mundo (RINALDI, 2014).

A responsabilidade sobre cada criança é muito grande, pois o que acontece na primeira infância pode deixar marcas em todo o seu desenvolvimento. É importante que o educador firme o seu olhar sobre elas e que as acolham de forma que as mesmas criem um vínculo e que a partir daí percorram o caminho para o seu desenvolvimento integral. O modo de conceber a ideia de criança e como conviver com ela implica em metodologias diferenciadas, em processo de ensino emancipatórios.

É importante que se reconheça o direito de cada criança individualmente e que se perceba que todas elas são protagonistas de sua própria história e assim acreditar que a mesma tem criatividade para surpreender a si mesmo e aos outros. É imprescindível que se forneça ambientes que aconcheguem as crianças, pais, comunidade e todos os envolvidos com a escola (DAHLBERG; MOSS, 2014). Desse modo os ambientes têm que acolher, desafiar, ensinar e fazer parte do processo de ensino e aprendizagem.

2. 2 Concepção de aprendizagem em Reggio Emilia

As metodologias propostas por Reggio Emilia ocorrem diferentemente das abordagens tradicionais. Reggio utiliza os projetos de investigação e também considera a documentação pedagógica realizada por meio de registros, fotos, vídeos, e especialmente pela participação das crianças. Desse modo, pensar em concepção de aprendizagem em Reggio é pensar em protagonismo e autoria, tanto dos professores, quanto das crianças.

A essência do projeto de investigação se dá pelo fato de que o desencadeador do projeto pode partir da criança sobre o interesse dela em aprender um determinado assunto. Sendo assim, ao decidir sobre qual assunto será trabalhado, as crianças irão relatar quais são as suas inquietações e dúvidas sobre o que será abordado. Denomina-se investigação porque os mesmos irão ter que se tornar investigadores e ir em busca das respostas para as suas perguntas, pois a mesma não será dada imediatamente. Dessa maneira, o papel da/o professora/professor é observar, registrar e desafiar a criança para que pergunte e busque recursos para sua investigação. A aprendizagem está relacionada às perguntas, à escuta e ao que será oferecido para a criança, o que remete à uma metodologia de projetos em que a/o professora/professor planeja com a criança e para a criança.

Quando o assunto é projeto “[...] Os projetos oferecem a parte do currículo na qual as crianças são encorajadas a tomarem suas próprias decisões e a fazerem suas próprias escolhas, geralmente em cooperação com seus colegas, sobre o trabalho a ser realizado [...]” (KATZ, 2016.p. 37). As crianças em Reggio contribuem na construção dos projetos, relatam experiências, manifestam suas opiniões a respeito do que está sendo investigado e como

Reggio acredita muito na aprendizagem em grupo, uma criança ajuda a outra e as mesmas são instigadas a investigar sobre o assunto, fundamentalmente por meio das interações.

Em relação aos procedimentos de documentação pedagógica, as observações do grupo, das suas falas, das suas curiosidades, contribuem significativamente com a construção do projeto de investigação. Pode acontecer que de um dos projetos possam surgir outros projetos, desse modo os registros são fundamentais nessa prática, pois por meio deles, as/os professoras/es podem refletir sobre a prática pedagógica e modificá-la, com a participação efetiva das crianças.

A documentação nada mais é do que os registros feitos no desenvolvimento do projeto, inclusive nos momentos de observações da/o professora/r, e nesse tempo é importante fotografar, gravar e registrar, tornando-se isso torna um material valioso, ficando registrado todo o caminho percorrido para que se chegue no resultado final da atividade. Assim, quando a criança olha o documento é como se de forma objetiva aquele momento retornasse rápido a sua memória (RINALDI, 2014). Portanto, a documentação é uma nova forma de linguagem, é a linguagem de atribuição de significados, pois é por meio dela que ao se observar o que foi documentado ocorrerá uma interpretação e assim se concretizará a linguagem da documentação.

Por meio da documentação também é possível que o professor se auto avalie, porque ele pode ver o que foi exitoso e o que não saiu como o esperado, e assim, repensar as suas práticas. Para Rinaldi (2014, p. 88) “uma documentação eficaz requer também um longo exercício de leitura e de escrita documentativa”, ou seja, é preciso estudo e leitura para que essa documentação seja significativa para quem olhar. Não é qualquer foto ou qualquer vídeo, é um material que represente conhecimento. A documentação tem que ser interpretada e avaliada, pois fazê-la somente para cumprir cronograma da instituição educacional, não é documentação. O conceito de documentação precisa ser bem elaborado, pois por meio do que é documentado que a prática pedagógica se constitui.

A abordagem de Reggio Emilia proporciona um caminho longo e cheio de descobertas, tanto para a escola quanto para as crianças. As crianças são valorizadas e colocadas como protagonistas do seu conhecimento. Professores, crianças e comunidade participam efetivamente da construção e apropriação dos saberes. Os projetos são coletivos, e

a/o professora/r sabe de sua responsabilidade como guardião das memórias por meio dos documentos. Afinal, uma cidade reconstruída a partir de um sonho e que hoje é reconhecida por todo o mundo, serve de inspiração para os educadores que sentem no dia a dia a vontade de recomeçar e fazer o melhor que se pode pela educação.

2.3 Espaços que ensinam

Os espaços são peças fundamentais no contexto escolar, especialmente na Educação Infantil, e podem ser utilizados de forma a contemplar as diversas linguagens das crianças. Um espaço bem organizado e com materiais diversificados pode provocar o imaginário da criança, é a chave para que ele se torne o terceiro educador como Loris Malaguzzi se refere quando fala sobre os espaços e a sua importância.

Em relação ao ambiente como terceiro educador segundo Gandini (2016, p.148)

A fim de agir como um educador para a criança, o ambiente precisa ser flexível; deve passar por uma modificação frequente pelas crianças e pelos professores a fim de permanecer atualizado e sensível às suas necessidades de serem protagonistas na construção dos seus conhecimentos.

É importante lembrar que o espaço não é um produto pronto e acabado, ele deve ser construído no dia a dia e modificado sempre que necessário, ou seja, ele é flexível, passa por mudanças e é essencial afirmar que as crianças e educadores devem fazer parte dessa transformação conforme a necessidade da turma.

O espaço pode ser tanto provocador quanto restrito dependendo do que se oferece. O ambiente deve ser alegre e sempre estar em modificação, é imprescindível que o espaço abrigue a tudo e a todos, tenha elegância, seja prático e que tenha um olhar de cuidado e zelo, até porque o ambiente fala por si só, pois ao entrarmos em um local e ao observá-lo, ele nos transmite a sua mensagem (HORN, 2004).

Segundo Horn (2004, p. 13) ao tratar sobre a organização dos espaços,

O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica. Aliás, o que sempre chamou minha atenção foi a pobreza frequentemente encontrada nas salas de aula, nos materiais, nas cores, nos aromas;

enfim, em tudo que pode povoar o espaço onde cotidianamente as crianças estão e como poderiam desenvolver-se nele e por meio dele se fosse mais bem organizado e mais rico em desafios.

Muitos educadores ainda não se atentaram para a magnitude dos espaços, por vezes acabam tornando-os apenas um mero cenário nas escolas, que servem de vitrine ou expositor. Os espaços podem suscitar as linguagens e tornar o ambiente como escolhas de aprendizagem. É importante que os educadores reinventem e recriem diversos espaços, que se estabeleça um novo olhar sobre as possibilidades que um lugar bem pensado e organizado, pode contribuir no desenvolvimento integral da criança.

Os espaços por si só são espaços de linguagens, pois irão suscitar histórias e por meio das interações proporcionar a produção cultural. O espaço deve oferecer segurança, deve-se organizá-lo de forma que deixe as crianças se desenvolverem de modo que as mesmas se percebam importante no meio social que vivem e que elevem a curiosidade. A criança deve explorar esses espaços tanto em grupo quanto individualmente (RINALDI.2013).

O espaço permite aprendizagens, é necessário que se aprenda a ler o local para compreender o sentido do mesmo ou atribuir sentidos. Segundo Gandini (2016, p. 321) “tradicionalmente, espaços para crianças pequenas tendem a ser organizados de maneira relativamente rígida que separa partes diferentes para atividades diferentes na escola. ” Ou seja, os professores têm medo de que ao criarem espaços diferentes eles percam o controle, porém, devem ter um certo cuidado para não acabar reduzindo o espaço, impedindo a criança de se expressar. É necessário que se crie um “ambiente funcional” onde as conexões de espaço e aprendizagem sejam mais significativas (GANDINI, 2016). Tradicionalmente, deixar livre no espaço conota bagunça ou perda do controle do planejamento rígido.

É necessário que o ambiente possua características das crianças que ali passam os seus dias, pois, é por causa delas que os espaços são desenvolvidos e com a ajuda das mesmas. Seria inútil criar um local onde não aparecem as características dos seus alunos e que seja totalmente organizado e criado pelas professoras. Diariamente crianças e professoras refazem os espaços que são montados, porque criam e recriam e principalmente deixam suas marcas (SCHWALL, 2012).

Gandini cita uma relação importante que Malaguzzi faz em relação aos espaços, onde o mesmo compara com “bancas de supermercado” em que os clientes analisam os itens, fazem as suas escolhas e concluem a sua compra. Entendendo esse pensamento, a criança vai muito pelo visual, o ambiente tem que ser esteticamente bonito e deve chamar a atenção dos pequenos para que os mesmos façam as suas escolhas (GANDINI, 2016). Desse modo, pode-se inferir a construção da autonomia nos espaços.

Os espaços organizados pelas crianças e comunidade escolar devem tomar conta da escola toda, precisam refletir as pessoas que habitam esses espaços. Gandini (2016, p.149) nos mostra que:

Cada escola é cheia de luz, de variedade e de uma certa espécie de alegria. Além disso, cada escola mostra como professores, pais e crianças trabalhando e brincando juntos, criaram um espaço único, que reflete suas vidas pessoais, a história de suas escolas, as muitas diferenças culturais e um sentido de opções bem-pensadas.

Cada escola é única e especial a sua maneira. Cada espaço planejado e montado precisa oferecer às crianças, professores e pais que ali frequentam relações com as suas histórias para que se sintam à vontade e se identifiquem com o lugar. Não existe uma regra para criar um espaço, o que é válido é que conte com a participação das crianças e demais envolvidos, que sejam espaços que expressem identidade e movimento. Espaços que emancipem, que ampliem conhecimentos e proporcionem autonomia e autoria.

4 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa realizada ocorreu em uma escola de Educação Infantil da rede particular de Criciúma/SC e a escolha da escola campo se deu pelo critério de a mesma utilizar a abordagem de Reggio Emilia como pressuposto teórico. O contato inicial se deu com a direção da escola, que prontamente acolheu a pesquisadora, que explicitou seu interesse em ter um olhar investigativo sobre o ambiente escolar. Foi exposto o objetivo de analisar a importância dos espaços na Educação Infantil e a proposta de observar os ambientes e as relações das crianças nesses lugares.

Contextualizando a escola campo: A escola atende crianças de quatro meses até quatro anos e onze meses. A mesma fica localizada dentro de um parque têxtil, nas dependências da empresa, onde os colaboradores possuem o benefício de matricular os seus filhos em tempo integral, no período em que estão trabalhando. A pesquisa teve caráter qualitativo, pois não se prendeu a quantificações, mas às análises referenciadas em dados qualitativos. Na pesquisa qualitativa o pesquisador é a ferramenta chave e sua descrição fundamental para as análises. O olhar dos acontecimentos e a distribuição deles são essenciais no desenvolvimento da pesquisa qualitativa (DEMO,1991).

A metodologia utilizada foi a de observação. Segundo Zanelli (2002, p. 88) a observação atenta dos detalhes põe o pesquisador dentro do cenário, para que possa compreender a complexidade dos ambientes psicossociais, ao mesmo tempo em que lhe permite uma interlocução mais competente. Assim, estar no cenário e ao mesmo tempo se distanciar dele, exige discrição, ética e olhar atento. As observações foram registradas após cada período em um diário e posteriormente lidas e relidas, atendo-se aos detalhes.

A coleta de dados se deu por meio de observações dos espaços e das relações estabelecidas pelas crianças nesses espaços. O período de observação aconteceu no mês de agosto, sendo quatro (4) horas diárias, em dois (2) dias da semana, totalizando 20 horas mensais. Foi selecionada para as observações pontuais uma turma de nove crianças com a faixa etária de quatro anos. Ao final das observações foi dedicada uma observação especial onde as todas as turmas compartilham os mesmos espaços em horários diferentes.

Foram estabelecidos critérios para as observações que atendessem ao problema e aos objetivos da pesquisa. Desse modo, foi organizado um roteiro de observação que contou com as seguintes etapas: observação dos espaços coletivos na instituição, tempo das crianças nos espaços, atividades dirigidas; participação das professoras nos espaços; participação/relação das crianças; espaços relacionados aos projetos; espaços na sala de aula.

4.1 Análise das observações dos espaços.

Um dos espaços observados foi o hall da escola, que estava organizado com caixas de papelão de diversos tamanhos, texturas e espessuras e percebeu-se que algumas

ainda não estavam montadas. Foram quatro turmas que participaram dessa montagem, sendo que as idades eram diferentes, assim, as observações foram variadas. Ao indagar as professoras sobre as caixas, relataram que as mesmas foram trazidas pelas famílias das crianças, onde foi solicitado que cada criança trouxesse ao menos duas caixas do seu tamanho ou maior, assim, todos contribuíram para que esse espaço se concretizasse.

As caixas ficaram apenas um dia no hall, pois não sobreviveram às explorações das crianças. Cada turma ficou em média trinta minutos no espaço e explorou todas as partes do local. Não foi dada nenhuma orientação sobre o que poderiam ou não fazer, apenas foram convidadas a visitar o hall. A professora ao chegar no local não falou nada, colocou-se como observadora e se alguma criança precisasse, ela estaria ali.

Segundo Horn (2004, p. 15) os espaços revelam concepções:

O olhar de um educador atento e sensível a todos os elementos que são postos em outra sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica.

Nesse sentido, as formas de organizar os espaços deixam nítido a linha pedagógica da escola, que pressupostos teóricos fundamentam e norteiam suas práticas/ações. Por isso, os detalhes e a organização revelam sobre quais são os ideais da escola e sua identidade.

Desse modo, ao expor as caixas no hall, a escola expressou um pressuposto, que se evidenciou na forma como as crianças (re)agiram às caixas. No primeiro momento as crianças de três anos chegaram ao hall e ficaram observando. Em seguida, começaram a mexer nas caixas e algumas crianças as empilharam. Após esse momento, as crianças entraram nas caixas e algumas tiraram o chinelo para entrar e até mesmo fecharam as caixas e se esconderam, já outras pularam em cima das mesmas, brincaram de casinha e até as agruparam por tamanho. Uma criança identificou a letra do nome do seu amigo na caixa e mostrou para os colegas e todos vibraram. Nessa turma nenhuma criança tentou montar as caixas que estavam desmontadas.

Outra turma que visitou o hall foram os bebês, que também puderam participar e explorar as caixas. Nessa turma foi um pouco diferente, por conta da idade, que vai de quatro

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

meses até um ano. Participaram do espaço oito crianças no qual algumas já andam, outras engatinham e outras ainda não tem o equilíbrio para ficarem sentadas. As crianças empurraram, entraram e bateram nas caixas. Teve bebê que apenas ficou olhando e não tocou nelas. Percebeu-se a curiosidade e a alegria deles ao olharem todas aquelas caixas a disposição para fazer o que quisessem.

Já as crianças de quatro anos chegaram em seguida no espaço das caixas e não se contiveram ao ver tantos materiais à disposição para explorar. Nessa sala são nove crianças, todas com quatro anos completos. Contemplaram várias linguagens nesse espaço, com construção de casinha, empilhamento das caixas, separação por ordem de tamanho e formato, entre outros. Chamou atenção que enquanto empilhavam as caixas, uma menina entrou em uma delas e as outras crianças a arrastaram, falando que estavam navegando em um barco. Uma criança colocou a caixa nas costas e saiu andando dizendo que era uma tartaruga. Já outra vestiu a caixa e dizia que era um avião e usava das abas da caixa para dizer que eram as asas e ficava muito incomodada quando algum colega passava em sua frente. Um dos meninos observou que existiam caixas desmontadas, tentou montá-las, mas sem sucesso, subiu e disse que estava em uma prancha de surf e chamou alguns colegas para surfar com ele. Percebeu-se nesse espaço a interação e a imaginação das crianças, pela relação que estabeleceram com as caixas de papelão.

Para Horn (2017, p. 30) essas relações são essenciais para as crianças

Nesse sentido, é importante destacar, novamente, que é sempre necessário investigar e propor em todos os espaços das instituições de educação infantil lugares em que as crianças possam recriar novos limites, novas maneiras de organizar espaços para representar simbolicamente ou mesmo atuar com distintos materiais que respondam a suas ações das mais diversas formas, permitindo-lhes enriquecidos modos de relações sociais.

Ou seja, é necessário possibilitar às crianças todos os espaços possíveis dentro de uma instituição, recriar e criar espaços novos de maneira que estabeleçam relações com o seu cotidiano, como a menina que colocou a caixa nas costas e disse que era uma tartaruga. Para que ela tenha representado essa situação, provavelmente a mesma já conhece ou viu esse animal em algum ambiente, relacionando assim simbolicamente a caixa com o casco da

tartaruga. Ainda nesse sentido, esse conhecimento referente ao casco da tartaruga pode inspirar/ensinar outras crianças, que em outro momento poderão imitar a ação da colega.

As crianças de dois anos foram as próximas a visitar os espaços das caixas. Foram onze crianças de idades que variam de um ano até dois anos e meio. No momento em que chegaram no hall se mostraram muito eufóricas e algumas começaram a tirar as caixas umas de dentro das outras. Já outros pulavam dentro delas e a empurravam. Uma criança demonstrou bastante felicidade ao conseguir entrar na caixa e outra chorou pois acabou machucando o dedo na dobra do papelão. Algumas crianças subiram de pilhas de caixas e os colegas ajudaram, segurando a mão para não caírem. Com o passar do tempo algumas saíram de dentro das caixas e começaram a desmontá-las. De repente, todos pararam o que estavam fazendo e começaram a observar uma criança que fez a caixa de tambor, batendo na caixa. Nesse momento, todos começaram a fazer também e falaram que eram uma banda.

Nas relações em que a criança interage com os seus colegas, com os materiais e com todo o meio, é quando ela é compreendida como protagonista. O papel do professor é mediar essas experimentações que a criança realizará possibilitando as mais diversas sensações e aprendizados (HORN, 2017). As crianças interagiram, ensinaram e aprenderam. Mesmo não parecendo que a/o professora/r estava mediando, o próprio ato de planejar e disponibilizar os materiais, já é mediação.

São notáveis as possibilidades que podem ocorrer com “simples” caixas de papelão, desse modo, a observação das/os professoras/es é crucial para a continuidade dos processos pedagógicos. Quando a criança é observada, percebe-se sua capacidade imaginativa e criadora, além das possibilidades de explorar e ampliar suas linguagens.

Segundo Malaguzzi (2016, apud GANDINI, 2016 p. 61):

O seu ambiente deve ser organizado para estabelecer a interação entre o reino cognitivo e o reino das relações e do afeto. Portanto, também deve haver uma conexão entre o desenvolvimento e a aprendizagem, entre as diferentes linguagens simbólicas, entre pensamento e ação e entre autonomia [...]

As crianças foram autônomas nessa proposta de espaço com caixas. Exploraram o ambiente de maneira lúdica e sem que ao menos fosse falado algo, sem nenhuma orientação, cada criança estava livre para investigar e fazer da forma que tivesse vontade. As crianças

também foram criando os seus próprios espaços, pois a partir do momento que elas imaginaram, criaram um novo cenário para o ambiente em que estavam.

Analisando as anotações realizadas ao observar as crianças nesse espaço com as caixas, pode-se perceber que as mesmas não têm medo de imaginar, explorar, de criar e recriar espaços do seu cotidiano. Mesmo sem um comando das professoras, sabiam que poderiam criar e interagir com as caixas, pois o espaço demonstrou ser acolhedor e aconchegante para elas, estando de acordo com o que os autores das leituras realizadas trazem.

Além disso para Schwall (2012.p. 31) “quando as crianças vivem um espaço, elas se apropriam dele, o vivenciam e encontram seu lugar dentro dele”. Para isso é necessário que a criança se sinta à vontade no ambiente e que a mesma deposite ali um pouco de si, porque os espaços têm significados diferentes para cada criança, de acordo com cada história que elas trazem. Desse modo, os espaços foram explorados de diferentes maneiras por cada turma, porque a criança organizou do modo que a mesma achou que fosse correto, assim, cada criança deixa um pouco de si em cada espaço que passa (SCHWALL, 2012).

Não adianta só a criança estar em um espaço organizado que a provoque, é necessário que ela se relacione com ele e com as pessoas que estão frequentando o mesmo. A criança deve se utilizar das diversas fantasias dentro do espaço, explorando todas as suas linguagens que muitas vezes no dia a dia não são trabalhadas (HORN, 2017).

Um outro espaço observado foi na sala das crianças de quatro anos, um cômodo/cozinha, que foi montado. As crianças juntamente com as professoras arrecadaram caixas de papelão onde todos participaram da construção, desde o pintar até colar o pegador da geladeira. É importante ressaltar que todos os materiais eram reutilizados e como a empresa onde fica localizada escola é de jeans, a escola recebe muitos cones de linha, o que se utilizou bastante nesse espaço.

A turma do infantil quatro ficou três semanas com esse espaço montado dentro da sala de aula, onde os mesmos o exploraram sempre que possível e demonstravam muito entusiasmo, mesmo depois de uma semana da montagem na sala. Durante outras propostas de atividades, as crianças não iam para o cômodo/cozinha, realizavam o que era solicitado,

desmistificando o que alguns autores abordam em relação ao medo de determinados professores de esses espaços “distraírem” as crianças. Nesse sentido,

Essa separação deliberada busca proteger a autonomia das salas e dos professores, mas há o risco de limitar a comunicação. A opção portanto, é considerar um ambiente que seja funcional enquanto continuamos cientes de que dimensões e relações diferentes possam coexistir[...]. (GANDINI, 2016, p. 321).

As crianças criaram e recriaram brincadeiras, realizaram diversas "comidas", foram mamãe, papai, cozinheiros e formulavam as mais gostosas receitas. Exploraram tudo o que tinham direito com esse espaço em sala de aula. Esse foi um ambiente que quebrou alguns paradigmas, pois as professoras ouviam as crianças comentarem que “quem faz comida é menina” e, com as brincadeiras diárias nesse local, foi visível que a visão que eles tinham mudou, porque os meninos também queriam e viram que podiam participar e fazer "comida" assim como as meninas.

As participações das crianças nos espaços possibilitaram diversas vivências, onde os mesmos reelaboravam o que viam no dia a dia e deixaram a sua imaginação fluir e os levar para lugares onde eles poderiam explorar todos os aspectos. Foram momentos significativos e prazerosos, porque o desejo desse espaço partiu deles e, como eles participaram de todas as etapas, isso contribui ainda mais para a valorização e apreciação deste espaço cômodo/cozinha.

Para Schwall (2012, p. 32) “as crianças apresentam uma receptividade inata às possibilidades que os materiais oferecem e interagem com eles para criar significados e relações, explorar e comunicar”. Sendo assim, é necessário e de grande importância que as crianças se relacionem com os espaços, como foi observada a questão de gênero que aconteceu no cômodo/cozinha, em relação a só menina cozinhar, pois é por meio das interações que as mesmas aprendem a utilizar material como linguagem.

Portanto, os dois espaços observados na escola foram explorados de maneiras diversificadas pelas crianças e possibilitou que os mesmos fossem locais de aprendizagem e de diferentes linguagens, porque a partir do momento que as mesmas interagiram, recriaram novos espaços e colocaram em prática o que vivem no dia a dia. O espaço cumpriu o seu

papel de terceiro educador, pois não tem como negar que as mesmas se tornaram crianças protagonistas, desenvolvendo autonomia e que fizeram o uso de todas as suas cem linguagens.

Escuta das cem, das mil linguagens, símbolos e códigos que usamos para nos expressar e nos comunicar, e como os quais a vida expressa a si mesma e se comunica com aqueles que sabem ouvir. (RINALDI, 2014, p.124).

Observando a participação das professoras nos espaços, percebeu-se que as mesmas, embora não exprimissem um comando, participaram ativamente observando e registrando o que as crianças faziam com as caixas, as mesmas demonstraram que prezam pelo desenvolvimento da autonomia das crianças e que não lhes roubaram nenhuma linguagem das **cem linguagens**.

As crianças se mostraram seres autônomos e imaginativos, recriavam e também criavam e muitas vezes surpreendendo com suas produções com os materiais disponibilizados. Foi possível perceber que o fato de disponibilizar as caixas suscitou a imaginação, salientando que “o não comando” das professoras as libertou para a criação.

As maneiras nas quais as crianças inventam com os materiais costumam ser inesperadas e surpreendentes; portanto, é importante que os adultos que trabalham com as crianças adotem uma postura de liberdade e possibilidades ilimitadas em relação ao trabalho destas. (SCHWALL, 2012, p 32).

O olhar que as professoras tiveram e as suas posturas de mediadoras mostraram que as mesmas respeitam as crianças e que acreditam no potencial delas, indo de acordo com a imagem que Reggio Emilia tem da criança que é dela ativa, capaz, inteligente e autônoma.

Por mais que o espaço das caixas de papelão foi de uso coletivo e criado para todas as turmas, ele não foi igual em todas situações, pois, a cada turma que ia, deixava o espaço organizado do seu jeito e não mais da maneira como encontrou, já que cada criança é única e tem suas particularidades que as fazem diferentes das demais. Portanto, é de suma importância valorizar todas as linguagens das crianças e não dar ênfase apenas em algumas, até o cozinhar também é uma forma de linguagem. Para isso é necessário que se explore e não as roube, pois, tudo que ocorre na infância deixará marcas para a vida toda.

A importância da escuta ativa, do ouvir a criança e apenas fazer isso, a faz se sentir importante. É necessário que os professores escutem mais as suas crianças, verbalmente ou por meio das brincadeiras, dos desenhos, do choro e até mesmo do comportamento. O olhar, observação e a intervenção do professor nos espaços educativos são ferramentas chave para que a criança se desenvolva integralmente.

5 CONCLUSÃO

Os espaços de ensino e aprendizagem nas escolas de Educação Infantil são fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças. O ambiente organizado e receptivo é essencial para a ampliação das linguagens. Um local preparado para as crianças, onde as mesmas possam ir para onde a imaginação levar e onde possam organizar do modo que se sentirem mais confortáveis, são indispensáveis para um espaço que se torna educador.

Assim sendo, escolas pensadas em uma abordagem que valorize a criança, que a coloque como protagonista e que considerem os espaços como educadores, são instituições que vão ganhando cada vez mais reconhecimento, pois demonstram o carinho e o respeito pela criança.

Os objetivos propostos na pesquisa foram sendo respondidos e esclarecidos no decorrer deste trabalho, assim foram sendo desvendados e o problema inicial que se tinha ao decorrer do artigo foi se consolidando. Pelas observações sistemáticas pode-se perceber que os espaços revelam as culturas e os conhecimentos das crianças. A observação na escola possibilitou ter um olhar mais apurado tanto para os espaços educadores quanto para a intervenção/mediação das professoras. O olhar das professoras demonstrou a concepção que as mesmas têm das crianças e da educação.

Por meio da pesquisa realizada foi possível compreender de que forma o Ensino de Reggio Emilia entende o desenvolvimento da criança considerando-a como protagonista, entende a criança com suas cem linguagens e valoriza todas elas. Outro fator importante foi verificar que a metodologia utilizada foram os projetos de investigação e que estão intimamente ligados com a criação dos espaços. Esses projetos surgem da documentação e da escuta ativa.

Desse modo, por meio das análises bibliográficas e das observações nos espaços, foi possível entender a importância dos espaços educadores para a construção da autonomia e ampliação dos conhecimentos das crianças. Pode-se identificar os pontos significantes dos espaços no processo de ensino e aprendizagem, numa concepção de criança participativa, dinâmica e autora de seus conhecimentos.

A consolidação desse artigo proporcionou a práxis educativa, pois foi evidente a relação da prática com a fundamentação teórica. Considera-se esse tema abrangente e profícuo no que compete a realização de outras pesquisas nessa área.

REFERÊNCIAS

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter. Introdução: Nossa Reggio Emilia. In: RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: Escutar, investigar e aprender**. Tradução: Vania Cury. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. p. 19-56.

DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa**. São Paulo: Cortez, 1991.

EDWARDS, Carolyn. GANDINI, Leila. FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: A experiência de Reggio Emilia em transformação**. Tradução de Marcelo de Abreu Almeida. Porto Alegre: Penso, 2016.v.2. 295 p.

GANDINI, Lella. Conectando-se por meio dos espaços de cuidado e de aprendizagem. In: EDWARDS, Carolyn et al. **As cem linguagens da criança: A experiência de Reggio Emilia em transformação**. Tradução de Marcelo de Abreu Almeida. Porto Alegre: Penso, 2016. Cap. 18. p. 315-336.

_____. História, ideias e princípios básicos: uma entrevista com Loris Malaguzzi. In: EDWARDS, Carolyn et al (Org). **As cem linguagens da criança: A experiência de Reggio Emilia em transformação**. Tradução de Marcelo de Abreu Almeida. Porto Alegre: Penso, 2016. v.2. p.45-85.

HORN, Maria da Graça Souza. **Brincar e interagir nos espaços da escola infantil**. Porto Alegre: Penso, 2017. 107 p.

_____. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004. 119 p.

KATZ, Lilian. O que podemos aprender com Reggio Emilia. In: EDWARDS, Carolyn et al (Org). **As cem linguagens da criança**. Tradução de Marcelo de Abreu Almeida. Porto Alegre: Penso, 2016. p.37-58.

MALAGUZZI, Loris. **Ao contrário as cem existem**. In: EDWARDS, Carolyn et al (Org). **As cem linguagens da criança**. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Penso, 2016.

MALAGUZZI, Loris. Diálogos como Reggio Emilia: escutar, investigar e aprende. In: RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. Tradução de Vania Cury. 2.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. 2014. 397 p.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. Tradução de Vania Cury. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2014. 397 p.

_____ et al. **Tornando visível a aprendizagem**: crianças que aprendem individualmente e em grupo. Tradução de Thais Helena Bonina. São Paulo: Phorte, 2014. 384 p.

SCHWALL, Charles. O ambiente e os materiais do ateliê. In: GANDINI, Lella et al (Org.). **O papel do ateliê na educação infantil**: a inspiração de Reggio Emilia. Tradução de Ronaldo Catado Costa. Porto Alegre: Penso, 2012. Cap. 3. p. 31-47

ZANELLI, J. C. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. **Estudos de Psicologia**, v. 7, p. 79 - 88, 2002.